

ECOS DE DERRIDA NOS TRÓPICOS
ECHOES OF DERRIDA ON THE TROPICS

Maria Antonieta Jordão de Oliveira Borba
 Doutora em Teoria da Literatura
 Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 (majordao@gbl.com.br)

Rodrigo do Amaral Ferreira
 Mestre em Letras
 Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 (rodrigo895@gmail.com)

RESUMO: O trabalho consiste em investigar as marcas do trabalho de Jacques Derrida nos ensaios de Silviano Santiago. Objetiva-se perceber as relações que sua escritura mantém com as noções estabelecidas pelo filósofo, por exemplo, as de “rastros”, “*différance*”, “suplemento” e mesmo quanto a uma concepção de literatura. Desde a sua primeira coletânea, publicada pela primeira vez em 1978, Santiago preocupa-se em entender o lugar que ocupa a produção literária latino-americana, em específico a do Brasil, no contexto ocidental. Para isso, desenvolve a noção de entre-lugar, que visa a desestabilizar os limites bem demarcados entre centro e periferia, no que concerne às investigações literárias em perspectiva comparada. A partir desse ponto, o crítico percebe que a produção literária dita periférica, mesmo guardando relações inescapáveis com seu passado histórico de violência em virtude da colonização, cujos reflexos se podem perceber em diversas áreas do conhecimento, desenvolve uma ambivalência, pois assimila os valores transmitidos pelos centros hegemônicos para em seguida transgredi-los, marcando sua diferença. Além de evidenciar a pertinência do pensamento da desconstrução, que orienta o trabalho de Santiago, reiterando sua atualidade.

Palavras-chave: Dependência cultural; Desconstrução; Jacques Derrida; Cultura e literatura brasileira

ABSTRACT: The work consists in investigating the marks of Jacques Derrida's work in Silviano Santiago's essays. The aim is to understand the relations that his writing maintains with the notions established by the philosopher, for instance, "trace", "*différance*", "supplement", and even a conception of literature. Since his first compilation, published for the first time in 1978, Santiago is concerned with understanding the place occupied by the Latin American literary production, in particular the Brazilian one, in the Western context. For that, he develops the notion in-between place that intends to disrupt the well-marked boundaries between center and periphery, regarding the literary investigations on comparative perspective. By this point, the critic realizes that the literary production known as peripheral, even guarding inescapable relations with its past history of violence, as a result of colonization, whose effects can be realized in many fields of knowledge, develops ambivalence, because it assimilates the values transmitted by the hegemonic centers in order to transgress them, marking its difference. It also shows the relevance of deconstruction thought that guides Santiago's work, reiterating its actuality.

Key words: Cultural dependence; Deconstruction; Jacques Derrida; Brazilian culture and literature

Ao publicar o **Glossário de Derrida** em 1976, o escritor, crítico literário e ensaísta Silviano Santiago marca sua relação com o pensamento do filósofo

Jacques Derrida. Essa obra consiste na reunião das noções criadas e desenvolvidas na produção inicial do filósofo, um esforço conjunto realizado à época em que o crítico lecionava no curso de pós-graduação da PUC-Rio. Coligir as intrincadas noções derridianas em forma de glossário consiste em uma estratégia que visa orientar os leitores do filósofo, “[...] cujo encadeamento conceitual [é] dos mais curiosos: uma vez apresentado e definido o termo, o autor volta a usá-lo em outros lugares [...] com uma sem cerimônia absoluta.” (SANTIAGO, 1976, p. 5). A estratégia do glossário como suporte também pode ser utilizada para a leitura das coletâneas de ensaios do próprio Santiago, desde que tomada a devida precaução, como nos alerta Evando Nascimento:

Seria ignorar que em Derrida o nome é apenas uma *metáfora*, pondo em causa tanto o conceito tradicional de metáfora, quanto o caráter filosófico da conceitualidade em geral. E que, além disso, toda metáfora só faz sentido dentro de uma rede de signos, com os quais os textos da desconstrução trabalham permanentemente [...] Um *glossário* é então ao mesmo tempo o instrumento que mais e menos tem a ver com esse pensamento. Mais, porque ao destacar palavras e expressões do léxico de um autor como Derrida, se estaria sendo coerente com o valor estratégico que nele é dado aos nomes. E menos, porque, interpretada em suas últimas consequências, a estrutura do glossário pressupõe o recorte de unidades significantes às quais deve corresponder um significado bastante determinável. Razão pela qual se faria necessário reenviar as unidades do glossário incessantemente à rede de signos *a partir* da qual ele se compôs, a fim de, nesse retorno, ele também, paradoxalmente, se liberar enquanto texto autônomo, aberto em sua própria deriva de significações. (NASCIMENTO, 2001, p. 32).

O reenvio das unidades de que fala Evando será feito, de acordo com o recorte deste trabalho, em relação aos textos do próprio Santiago, nos quais as noções derridianas são transpostas do campo filosófico para os estudos literários, embora nem sempre textualmente explicitadas, constituindo-se como um aporte teórico para a discussão sobre dependência cultural – tema recorrente nos ensaios do crítico.

Santiago aborda a desconstrução como uma operação que tem por objetivo revisar os pressupostos teóricos da metafísica ocidental e seu arcabouço fono-logo-etnocêntrico. Uma leitura desconstrutora deve pôr em evidência o que num determinado texto foi sobrelevado e por que, além de mostrar o que foi dissimulado em sua estrutura – mediante a inversão (*renversement*) –, objetivando a

constituição de um centro unificado. Cabe ressaltar que a operação descrita dessa forma não propõe apenas a inversão, o que resultaria apenas na substituição de um centro por outro – tal como Derrida demonstra ao discutir a estruturalidade da palavra estrutura no discurso das ciências humanas –, mas sim a anulação de um centro regulador, correspondente a um significado transcendental, estruturado hierarquicamente a partir de binômios como bem/mal, dentro/fora, fala/escrita etc. Resumidamente apresentada dessa forma, a desconstrução se articula no pensamento de Santiago não como um método de leitura, mas como um gesto que consiste em não assumir significados estabelecidos e condicionados no curso da história, através das instituições e da sociedade, como naturais. Seguindo essa perspectiva, desde a nota prévia de **Uma literatura nos trópicos**, cuja primeira edição é de 1978, o crítico nos alerta que sua publicação é feita numa época de certo relativismo teórico, na qual a segurança do intérprete para afirmar seu julgamento como verdade absoluta, característica das gerações que o precederam, encontra-se desestabilizada. O intérprete do texto literário – Santiago prefere essa designação à de analista, pois a análise está para a ordem do complemento e a interpretação em consonância à lógica do suplemento – não mais é a figura responsável por fazer aparecer o significado oculto da obra, mas sim um intermediário entre o texto e o leitor, sem, no entanto, prescindir de suas opções ideológicas. Cabe a ele discutir as questões suscitadas pela obra, “[...] deixando com que esta se enriqueça de uma camada de significação suplementar e que aquele [o leitor] encontre trampolins menos intuitivos para o salto de leitura” (SANTIAGO, 2000, p. 7). O período de que fala Santiago pode ser relacionado ao que afirma Derrida no ensaio “A estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas”, no qual se discute o conceito de estrutura centrada. É dito que a história da metafísica pode ser entendida como uma série de substituições de centro para centro sob seus diversos nomes – essência, Deus, homem etc. –, em que o centro sempre estaria ligado a uma ideia de origem, à disposição para ser evocada quando necessário, ou de fim, aludindo a uma teleologia, que pode ser previsto como presença, regulando as possibilidades de sentido. Esse encadeamento substitutivo começou a ser (re)pensado, tornando a linguagem uma problemática fundamental:

O acontecimento de ruptura [...] ter-se-ia produzido no momento em que a estruturalidade da palavra estrutura deve ter começado a ser

pensada, isto é, repetida [...] Desde então, deve ter sido pensada a lei que comandava de algum modo o desejo do centro na constituição da estrutura, e o processo da significação ordenando os seus deslocamentos e as suas substituições a essa lei da presença central; mas de uma presença central que nunca foi ela própria, que sempre já foi deportada para fora de si no seu substituto. O substituto não se substitui a nada que lhe tenha de certo modo preexistido. Desde então, deve-se sem dúvida ter começado a pensar que não havia centro, que o centro não podia ser pensado na forma de um sendo-presente, que o centro não tinha lugar natural, que não era um lugar fixo, mas uma função, uma espécie de não-lugar no qual se faziam indefinidamente substituições de signos. Foi então o momento em que a linguagem invadiu o campo problemático universal; foi então o momento em que, na ausência de centro ou de origem, tudo se torna discurso [...], isto é, sistema no qual o significado central, originário ou transcendental nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. A ausência de significado transcendental amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação (DERRIDA, 2011, p. 409).

Uma das epígrafes escolhidas por Santiago para abrir “O entre-lugar do discurso latino-americano” foi retirada **d’Arqueologia do saber**, obra na qual Foucault afirma a necessidade do rompimento com “[...] as noções que estão ligadas ao postulado de continuidade [...]” (FOUCAULT, apud SANTIAGO, 2000, p. 9). A partir desse ponto, Santiago efetua uma releitura do processo de colonização da América Latina, de modo geral, e do Brasil, de maneira específica, tendo por objetivo perceber seus reflexos na tradição do pensamento ultramarino – para usar uma expressão do próprio livro –, preocupando-se especialmente com a produção cultural, tendo em vista romper com as noções de pureza e unidade que orientaram durante certo tempo a produção de discursos sobre literatura. Para isso, destaca a relevância dos estudos feitos pela etnologia – tradução disciplinar da consciência ferida da Europa –, citando o próprio Derrida quando este afirma que ela foi, em parte, a ciência responsável por descentrar a Europa de seu lugar regulador, em que era tida como referência de valores políticos, econômicos sociais e morais. Insiste que foi a partir do empreendimento dos etnólogos que os processos de colonização passaram a ser considerados sob a ótica da violência e da agressão, e não mais, como postulado pelo discurso da história, sob o argumento de que a vitória dos dominadores se deu por consequências culturais. Em seguida, o crítico apresenta uma breve leitura de **Tristes trópicos**, obra na qual Lévi-Strauss narra o acesso que teve a documentos dos “desbravadores” relatando como era o contato com os

indígenas. A recorrência da palavra “imitação”, tanto no trabalho de Strauss, quanto na leitura que Santiago faz da Carta de Pero Vaz de Caminha, considerada um registro da literatura informativa do Brasil, tem especial relevância, porque desestabiliza a afirmação de seu autor quando afirma que os índios estariam naturalmente inclinados à conversão religiosa, perfeitamente aptos, portanto, para efetuar a passagem do seu estado de natureza para a cultura dos brancos. Como apenas imitavam, tornava-se necessário aliar à imposição do código religioso a imposição do código linguístico, objetivando o apagamento da origem: “Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do colonizador, a unidade é a única medida que conta” (SANTIAGO, 2000, p. 14). Reitera sua assertiva criando um suplemento em cima de uma passagem da **Gramatologia**:

“O signo e o nome da divindade têm o mesmo tempo e o mesmo local de nascimento.” Uma pequena correção se impõe na última parte da frase, o suplemento de um prefixo que visa a atualizar a afirmativa “... o mesmo tempo e o mesmo lugar de renascimento.” (SANTIAGO, 2000, p.14).

Nesse sentido, as colônias são inscritas no contexto ocidental por duplicação, como uma cópia da Europa que deve ser o mais semelhante possível ao original, não exatamente pelo modo como copia, nos lembra Santiago, mas no apagamento constante e determinado dos traços da origem, de modo complementar, em nome de uma unidade como regra fundamental de civilização. No entanto, o processo de dominação produz um efeito inverso: a criação de uma sociedade de mestiços, dentro da qual os valores de unidade e pureza são progressivamente deteriorados. O crítico percebe nessa infiltração uma estratégia que assegura a instituição do lugar da América Latina no contexto ocidental: mediante a transfiguração dos valores exportados pelos europeus, pretendidos como imutáveis, em nome do desvio da norma, da falsa obediência:

A passividade [da América Latina] reduziria seu papel efetivo ao desaparecimento por analogia. Guardando seu lugar na segunda fila, é no entanto preciso que assinale sua diferença, marque sua presença, uma presença muitas vezes de vanguarda. O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco que

apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador. (SANTIAGO, 2000, p. 16).

Operada a desmistificação do discurso da história pela etnologia, em nome de uma recuperação cultural, Santiago questiona o papel do intelectual latino-americano que integra o contexto ocidental, mas em posição de desvantagem em relação às matrizes culturais. No que tange especificamente aos estudos literários, pergunta qual é o sentido de um escritor produzir uma obra que já nasce em grau de inferioridade econômica se comparada às produzidas nas metrópoles. É possível falar em originalidade de uma obra de arte quando só se verifica o débito que se estabelece entre a obra influenciada e os modelos influentes postos em circulação pelas metrópoles? (SANTIAGO, 2000). O espaço discursivo para responder a essas questões, assevera o crítico, deve ser o da literatura comparada, disciplina do campo dos estudos literários que não mais se pauta pelo falso isolacionismo literário-cultural que orientou os estudos historiográficos em literatura desde o século XIX. No entanto, no campo dessa disciplina, na década de 70, predominava o método de análise das fontes e influências. Os intérpretes, ao cotejarem obras ou sistemas literários, buscavam aferir o que em um modelo considerado influente, portanto em posição hierarquicamente superior, havia no modelo tido por influenciado. Marcava-se, seguindo-se tal metodologia, a dívida que uma obra ou sistema literário contraía em relação ao objeto influente. A semelhança é o critério que conta, para que se possa constituir a unidade almejada em torno do centro regulador.

Em oposição a essa metodologia, Santiago desenvolve a noção de entre-lugar, cujo objetivo é borrar as delimitações que visam subscrever o discurso literário da América Latina como menor ou inferior em relação aos modelos que, “originariamente”, serviram-lhe para que se constituísse um sistema literário próprio. A designação não nega o passado colonial, mas recusa a noção de continuidade linear que restringe as possibilidades de significação, como se a identidade de uma determinada literatura nacional só pudesse ser estabelecida caso se evocasse a presença da origem comum que supostamente guardaria com seu colonizador. O crítico exemplifica como estratégias estéticas para marcar o entre-lugar a antropofagia cultural de Oswald de Andrade e a técnica de traição da memória histórica por meio da paródia proposta por Mário de Andrade em seu **Macunaíma**.

Ambos os escritores não objetivam apenas reescrever o passado histórico na tentativa de resgatar a origem perdida ou substituída, ressaltando os aspectos “genuinamente” nacionais, como almejou José de Alencar em seus romances indianistas. Tampouco partilham do cosmopolitismo de Joaquim Nabuco e sua atração do mundo, dividido entre acompanhar a História com maiúscula acontecendo no palco europeu e a história menor de sua pátria, recém-independente quando publica **Minha formação** em 1900. O objetivo dos Andrades é manter o compromisso com o já-dito, para usar a expressão do próprio Santiago, e ressignificá-lo de acordo com as perspectivas nacionais:

O escritor latino-americano brinca com os signos de um outro escritor, de uma outra obra. As palavras do outro têm a particularidade de se apresentarem como objetos que fascinam seus olhos, seus dedos, e a escritura do segundo texto é em parte a história de uma experiência sensual com o signo estrangeiro [...]. Como o signo estrangeiro se apresenta muitas vezes numa língua estrangeira, o trabalho do escritor em lugar de ser comparado ao de uma tradução literal, propõe-se antes como uma espécie de tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão. O signo estrangeiro se reflete no espelho do dicionário e na imaginação criadora do escritor latino-americano e se dissemina sobre a página branca com a graça e o dengue do movimento que traça linhas e curvas (SANTIAGO, 2000, p. 21).

A ideia de entre-lugar guarda relação com outra noção cara à desconstrução de Derrida: a de *différance*. Grafismo que opera uma rasura na palavra francesa *différence*, consiste numa estratégia do filósofo para estancar a prevalência da fala sobre a escrita, já que a alteração não é perceptível ao nível fônico. Há que se ler para percebê-la. Além disso, está relacionada a uma remissividade não linear, em que convergem temporização e espaçamento:

A diferença¹ é o que faz com que o movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito “presente”, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo a que se chama presente do que àquilo a que se chama passado, e constituindo

¹ A edição brasileira da obra apresenta a noção derridiana traduzida desta forma, embora escritores como Evando Nascimento preferam apresentá-la tal como Derrida a concebeu em francês, de modo a preservar o jogo que ele faz com ambas as formas de grafar as palavras. Acompanhamos seu posicionamento, mas julgamos por bem não alterar a tradução.

aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio: absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presentes modificados (DERRIDA, 1991, p. 45).

Assim, a noção de entre-lugar constitui-se como uma tentativa de não reduzir a produção literária da América Latina aos modelos postos em circulação pelas ditas matrizes culturais, que, por essa lógica, também remetem a outros, mediante o rastro, sem que possa apreender uma origem plena, um começo estático, preservando de certo modo as marcas do passado colonial, mas ao mesmo tempo transgredindo-o e marcando sua diferença:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu tempo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2000, p.26).

Vinte e seis anos após a publicação da primeira edição de **Uma literatura nos trópicos**, precisamente em 2004, Santiago lança nova coletânea de ensaios intitulada **O cosmopolitismo do pobre**, reunião de seus trabalhos apresentados ao longo da década de 90 e início dos anos 2000 em periódicos, revistas especializadas e palestras. O subtítulo do livro, “crítica literária e crítica cultural”, revela que o autor se mantém preocupado com as configurações da cultura, de modo geral, e da produção literária especificamente, na virada do século. No ensaio “Uma literatura anfíbia”, texto primeiramente apresentado como palestra em homenagem a José Saramago, nos EUA, em 2002, o autor discute o panorama da literatura que se tem produzido no Brasil até o início do século XXI: como as obras e autores se relacionam com o público leitor e de que maneira é recebida a literatura brasileira em outros países, além de discutir a função do escritor e o estatuto da literatura e o papel do livro numa sociedade em franco processo de tecnologização. Como a leitura que Santiago faz é sempre historicamente contextualizada, ele inicia o texto avaliando as consequências do analfabetismo na produção e recepção da literatura. Após afirmar que o grande número de analfabetos contribuiu para a disseminação da mídia eletrônica de entretenimento, uma vez que as pessoas nessa condição só poderiam ter acesso a bens culturais mediante recursos audiovisuais, o

autor lança mão de uma metáfora a partir dessa constatação: “[...] o nosso sistema literário se assemelha a um rio subterrâneo, que corre da fonte até a foz sem tocar nas margens que, no entanto, o conformam.” (SANTIAGO, 2004, p. 64). Outra consequência da falta de acesso à leitura, associada ao avanço da mídia eletrônica, marca dentro da dicotomia fala/escrita a prevalência do primeiro termo sobre o segundo. Nesse sentido, o livro não é consumido por ele mesmo, mas através da mídia que fala dele ou então de seu próprio autor, mediante a entrevista. Assim, afirma que a entrevista, para a perspectiva do autor, não tem apenas peso negativo, pois é um meio de divulgar seu trabalho, num país que lê muito pouco, aumentando a divulgação de sua produção, ainda que não diretamente pelo texto literário. A entrevista pode ter ainda como efeito a atribuição de um papel a desempenhar pelo escritor que, muitas vezes, é alçado ao posto de intelectual público e deve, portanto, posicionar-se sobre as questões sociais. Por essa via, a obra literária para o escritor brasileiro e público leitor ou, nesse caso, ouvinte, é fonte de conhecimento. É meio pelo qual o escritor percebe as mazelas da sociedade e pode falar delas, sem abrir mão do ornato literário:

Por um lado, o trabalho literário busca dramatizar objetivamente a necessidade do resgate dos miseráveis a fim de elevá-los à condição de seres humanos [...] e, por outro lado, procura avançar – pela escolha para personagens da literatura de pessoas do círculo social dos autores – uma análise da burguesia econômica nos seus desacertos e injustiças seculares. Dessa dupla e antípoda tônica ideológica – de que os escritores não conseguem desvencilhar-se em virtude do papel que eles [...] ainda ocupam na esfera pública da sociedade brasileira – advém o caráter anfíbio de nossa produção artística (SANTIAGO, 2004, p. 66).

A passagem demonstra que a literatura tem sido um veículo para os escritores discutirem as mazelas sociais. Desde as vanguardas estéticas do início do século XX tem-se retratado na literatura os efeitos do passado colonial e escravocrata e, mais à frente, a questão do regime militar. Como resultado, o espaço discursivo da literatura é marcado por uma duplicidade, uma espécie de amálgama entre arte e política: “A atividade artística do escritor não se descola da sua influência política; a influência política sobre o cidadão não se descola da sua atividade artística.” (SANTIAGO, 2004, p. 66). O arranjo do sistema literário assim descrito instaura um vazio temático que é preenchido pelo consumo de literatura

estrangeira, porque em geral a temática artístico-política da produção nacional tem dado preferência aos pólos opostos da estratificação social: ou fala-se da queda dos ricos oligarcas, cuja perda de poder se deveu à industrialização do país, tal como no romance **Crônica da casa assassinada**, de Lúcio Cardoso, considerado uma metáfora do processo de formação da classe média do país, ou fala-se dos mais miseráveis, tendo em vista resgatá-los, como mencionado anteriormente, à condição de seres humanos por meio da obra literária. Santiago percebe uma falta na abordagem dos dramas da pequena burguesia, situada entre os dois extremos (SANTIAGO, 2004).

No que tange à recepção da literatura brasileira no exterior – o crítico circunscreve o leitor estrangeiro ao leitor do chamando “primeiro mundo” – há uma dicotomia que resiste à dupla tônica da obra literária nacional: o leitor estrangeiro, ao buscar a literatura, espera que o trabalho artístico seja essencialmente artístico. Ele não é sensível à ambivalência que marca as obras brasileiras. Se a obra literária pretende ser um documento socioeconômico, em que os recursos artísticos são pouco explorados em prol da “imagem real”, o leitor estrangeiro a recebe com simpatia, pois apresenta as mazelas que assolam o país de onde a obra veio. Uma simpatia não desprovida de hipocrisia insiste Santiago:

O leitor estrangeiro, no seu radicalismo disciplinar, tende a comprar e ler – em complemento à obra exclusivamente política, às vezes de teor demagógico – a obra literária pura. Esta dramatiza os pequenos grandes dramas humanos com rigor estilístico e delicadeza psicológica. No seu universalismo e aristocratismo confessos, essa obra é desprovida de qualquer vínculo originário com a cultura nacional onde brota. Transcende territórios geográficos para se instalar na pseudo eternidade do trabalho artístico. Uma cumplicidade de sensibilidade e casta une autor brasileiro e leitor estrangeiro pelo exercício da leitura de livro totalmente comprometido com os valores fortes e tradicionais da literatura ocidental (SANTIAGO, 2004, p. 70).

O complemento de que fala a passagem faz alusão a esta noção derridiana: relacionado ao pensamento da metafísica estruturado em oposições, caso o complemento não esteja presente ao lado da obra, conferindo identidade ao objeto, fará falta. Nesse sentido, a obra estritamente política, que trata de problemas sociais necessita de outra, que lhe deve ser exterior, na qual as questões humanas sejam a temática central, alegorizadas numa linguagem estritamente literária –

considerando ser possível haver uma linguagem que seja “estritamente literária.” Em síntese: postas lado a lado, tem-se realizado um panorama de uma sociedade e seus reflexos na individualidade dos que a compõem.

A obra de arte anfíbia, que congrega em seu discurso arte e política, serve de alternativa ao discurso demagógico e populista, logocêntrico, portanto. Trata-se de uma ressignificação do estatuto da literatura na contemporaneidade, que, se não é mais portadora das verdades universais, deve ser ao menos um espaço discursivo não limitado por temas e formas específicos. Caracterizar como ambivalente a literatura de um entre-lugar é uma forma de resistência à força do *logos* centralizador, expresso no modo como ocorre a recepção da literatura brasileira pelo leitor estrangeiro. Trata-se, portanto, de maneira ampliada, de uma tomada de posição sobre o que é arte:

O escritor brasileiro tem a visão da Arte como forma de conhecimento, tão legítima quanto as formas de conhecimento de que se sentem únicas possuidoras as ciências exatas e as ciências humanas. Ele tem também a visão da Política como exercício da arte que busca o bom e justo governo dos povos, dela dissociando a demagogia dos governantes, o populismo dos líderes carismáticos e a força militar dos que buscam a ordem pública a ferro e fogo (SANTIAGO, 2004, p. 72).

Essa concepção do papel da literatura se estabelece no rastro do **Papel-máquina** de Derrida, em que é apresentada como tendo o dever de tudo dizer e, ainda assim, preservar o segredo da experiência do autor, transformada pela linguagem, expressando a assimetria de um entre-lugar:

A instituição da literatura reconhece, em princípio ou por essência, o direito de dizer tudo ou de não dizer dizendo, portanto o direito ao segredo ostentado. A literatura é livre. Ela deveria sê-lo. Sua liberdade é também aquela que é prometida por uma democracia (DERRIDA apud NASCIMENTO, 2004, p. 60).

O entre-lugar é assimétrico porque, conforme mencionado, recusa a determinação totalizante do centro regulador – marca fundamental da história da metafísica. Por seu caráter anfíbio, a literatura brasileira preserva certa indecidibilidade quanto às questões que aborda, não se deixando esgotar em uma interpretação que vise exclusivamente à descrição ou apreensão da forma literária, tampouco sendo regulada pela referencialidade possível daquilo de que trata. O

segredo ostentado é a perspectiva que Santiago retira de Derrida como ponto de partida para pensar o que não fora desenvolvido de maneira específica no trabalho do filósofo, mas cujas aberturas permitiram uma disseminação para outras epistemes. A interdição aos diversos centros reguladores – sempre instituídos – também se fez necessária nos estudos literários, no sentido de mostrar que se o nome do centro sempre mudou é porque ele desde sempre não era absoluto e homogêneo. O que há, então, é uma cadeia de substituições, remissões e transferências que obstam a presentificação de uma presença plena – daí a dificuldade na recepção da literatura anfíbia. Coloca-se em questão o problema do limite, que, para Derrida, é algo a que não se chega, mas que dá a pensar exatamente porque impede a presentificação de um todo identificado a si mesmo: “Só há *pensamento* de fato quando se atingem certas fronteiras [...], mas o problema é que uma fronteira é o que sempre se divide, deslocando-se, no momento mesmo em que se parecia tê-la alcançado.” (NASCIMENTO, 2004, p. 39). A partir desse ponto, pode-se pensar na desestabilização da fronteira entre a filosofia e a literatura, incluindo-se aí os estudos literários. Se Derrida, por diversas vezes, utilizou a literatura como ponto de partida para a discussão de questões ético-políticas – circunscrições disciplinares da filosofia –, Santiago, em um movimento inverso, utiliza o escopo de pensamento da desconstrução para mobilizar os problemas pertinentes às obras literárias e, de modo mais amplo, a cultura. Não se trata, contudo, de apagar completamente as diferenças que estas modalidades discursivas guardam entre si, o que não seria compatível com os postulados da desconstrução, já que a indiferenciação pode resultar em uma regulação centralizadora. O que se impõe é pensar nos efeitos dos limites, ou seja, o que pode a literatura oferecer à filosofia e vice-versa para a formação de um pensamento que se assume como discurso, não guardando pretensões de formar ou apresentar uma verdade que seja universal, mantendo com isso uma abertura para a remissividade contínua.

Nesse passo, é possível perceber que há uma preocupação ético-política nos ensaios de Santiago, na medida em que as relações entre os diversos sistemas literários refletem atitudes das relações entre Estados. Por outro lado, a literatura que se quer anfíbia oferece, em sua própria forma e formulação, novas possibilidades de pensar essas mesmas relações éticas e políticas. É neste ponto que se concentra a originalidade do pensamento de Santiago. Ao se apropriar das

noções derridianas, repetindo-as de acordo com seus próprios objetivos, abre-se espaço para uma “nova” maneira de articular a literatura com outras áreas de conhecimento, exatamente porque ela é considerada como forma de conhecimento. O adjetivo “nova” deve ser grafado entre aspas mesmo, de modo a circunscrever seu efeito de sentido, pois não se trata de considerar a escritura do crítico como um algo que passou a existir a partir de um agora plenamente presente. Conforme afirma o próprio Derrida, “O inédito surge, quer se queira, quer não, na multiplicidade das repetições. Eis o que suspende a oposição ingênua entre tradição e renovação, memória e porvir, reforma e revolução.” (DERRIDA, 2004, p. 331). O espaço do “entre” pensando por Santiago marca e é marca desse processo para o qual o que conta é a travessia, em sua abertura para o imprevisto ou, nos termos derridianos, para o acontecimento:

Quanto às repetições do que foi dito, o núcleo lógico da coisa, como tantas vezes enfatizei, é que não há incompatibilidade entre a repetição e a novidade do que difere. Falando de modo alusivo e elíptico, uma diferença sempre faz com que a repetição se desvie. Chamo isso de *iterabilidade*, o surgimento do outro (*itara*), na reiteração. O singular sempre inaugura, ele chega mesmo, de modo imprevisível, como o “chegante” mesmo, por meio da repetição (DERRIDA, 2004, p. 331).

A leitura até aqui efetuada dos ensaios de Santiago evidenciam a possibilidade de uma intertextualidade que interdita a ideia de compartimentação em unidades fechadas dos diversos campos do saber. Por essa perspectiva, a escritura do crítico pode ser entendida como um rastro da obra de Derrida, em que o discurso filosófico e o literário se entrecruzam, sem que o pensamento derridiano possa ser considerado como um simples condicionante dos textos de Santiago. Trata-se antes de uma remissividade em que a origem é inapreensível, pois a constituição das noções derridianas se dá a partir da leitura que o filósofo faz de toda a tradição filosófica até os seus contemporâneos. Assim, o pensamento da desconstrução na obra de Santiago é antes uma estratégia para evitar os diversos esquemas cristalizados de pensar as diversas tensões acerca das trocas culturais. Seu pensamento é sempre apresentado por um duplo gesto, como uma forquilha, na tentativa de evitar os centramentos e hierarquias de toda ordem. Além disso, cumpre a função de subscrever como uma importante referência dentro dos estudos

literários – como tudo o mais não imunes ao pensamento metafísico – a assinatura Jacques Derrida.

Referências

BORBA, M. A. J. de O. **Tópicos de teoria para a investigação do discurso literário**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

CULLER, J. **Sobre a desconstrução**: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 4ª ed. rev. e atual. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. **Papel-máquina**. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

NASCIMENTO, E. **Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Derrida e a literatura**: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. 2ª ed. Niterói: EdUFF, 2001.

_____. (org.). **Jacques Derrida**: pensar a desconstrução. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANTIAGO, S. (Sup.). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. **Uma literatura nos trópicos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Recebido em 28 de fevereiro de 2014
Aprovado em 04 de outubro de 2014